

LIBERDADE E RESISTÊNCIA NAS POESIAS DE LUIZ GAMA
FREEDOM AND RESISTANCE IN THE POETRY OF LUIZ GAMA

Maria Perla Araujo Morais

UFMT/UFT

Marcelo Rodrigues de Santana

UFT

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir e analisar dois poemas do escritor, poeta, advogado e jornalista negro Luiz Gama, “Lá vai verso” e “Sortimento de gorras”, do livro *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, publicado em 1859. Escolhemos esses dois poemas porque neles o escritor reflete sobre aspectos referentes à liberdade e valorização da população negra do século XIX. Nosso estudo utilizou como metodologia os estudos bibliográficos produzidos sobre a temática e sobre os poemas escolhidos. Contextualizamos historicamente a vida do poeta e sua luta a favor da abolição da escravatura no Brasil. A partir dos poemas de Luiz Gama, mostraremos a sua denúncia da escravização negra e sua luta pela abolição feita por meio da literatura.

Palavras-chave: Luiz Gama; poema; escravização; resistência

Abstract: The purpose of this article is to discuss and analyze two poems by the writer, poet, lawyer and black journalist Luiz Gama, "Lá vai verso" and "Sortimento de gorras", from the book *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, published in 1859. We chose these two poems because in them the author reflects on aspects related to the freedom and valorization of the black population in the 19th century. The methodology of our study was based on the bibliographical studies carried out on the subject and on the selected poems. We have historically contextualized the life of the poet and his struggle for the abolition of slavery in Brazil. Through the poems of Luiz Gama, we will show his denunciation of black slavery and his fight for abolition through literature.

Keywords: Luiz Gama; poetry; slavery; resistance

Recebido em 14 de julho de 2023.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.

Introdução

As consequências da escravização reverberam na sociedade em que vivemos em forma de racismo contra a população negra. Entretanto, mesmo na época em que a escravização ocorreu, é possível resgatar vozes que foram, de diferentes maneiras, contra esse sistema de poder. Luiz Gama é uma dessas pessoas que, no século XIX, lutou pela abolição como advogado, jornalista e escritor.

Analisaremos os poemas de Luiz Gama “Lá vai verso” e “Sortimento de gorras”, de *Primeiras Trovas Burlscas de Getulino*, publicado em 1859, tendo em vista a discussão sobre a população negra. Essa obra reflete sobre o lugar do sujeito negro na sociedade e na literatura, uma vez que, na vida social, encontrava-se invisibilizado. Portanto, os poemas são uma forma de não só evidenciar esse silenciamento, mas propor uma visibilidade de aspectos referentes à história e memória da população negra, algo que não era comum na literatura da época.

Se formos comparar a poesia de Gama com as obras literárias produzidas no mesmo contexto histórico e literário, vemos que estes textos apostavam na discussão da identidade nacional tendo em vista o viés indianista, excluindo os negros como igualmente formadores da nação. Apenas o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, discutirá a situação da população negra, sua história e memória tal como Luiz Gama faz na poesia. Quando observamos o cânone da literatura brasileira, notamos que a luta pela abolição da escravização africana só começa a ser um tema recorrente a partir do poema “O navio negreiro”, de Castro Alves, publicado em 1870. Entretanto, ao entrarmos em contato com a obra de Luiz Gama e Maria Firmina dos Reis, dois autores negros, já vemos essa temática sendo explorada a partir do final de 1850.

Assim, é muito importante resgatar as poesias de Gama no sentido de refletir sobre o sujeito negro como formador de nossa sociedade. Além disso, pelos aspectos que Gama chama atenção, é possível observar esse sujeito e sua constituição cultural, linguística e social.

Para segmentar o referido estudo, o texto será subdividido entre contextualização histórica da vida e obra do autor e análises dos poemas.

Luiz Gama: vida e luta contra a escravização

Vivendo entre os anos de 1830 e 1882, Luiz Gonzaga Pinto da Gama nasceu em Salvador, na Bahia, e era filho de uma personagem histórica que esteve envolvida com a resistência antiescravista no século XIX, Luiza Mahin, e um homem branco de família e proveniência portuguesas. Gama, como um homem negro, passou por todas as dificuldades possíveis na sociedade brasileira do século XIX, inclusive foi escravizado durante 10 anos da sua vida, tendo sido vendido por seu próprio pai quando ainda era criança.

Viveu, em São Paulo, durante oito anos na escravização, mas conseguiu provar posteriormente que havia nascido livre, portanto não deveria estar na condição de escravizado. Alistou-se no exército no ano de 1848 e ficou até 1854, quando se graduou como cabo de esquadra e foi dispensado por ato de insubordinação com prisão por trinta e nove dias (SANTOS, 2010).

Levando em consideração esses dados biográficos, é compreensível que, para Luiz Gama, o caminho das letras e da profissionalização não tenha sido fácil, mesmo assim conseguiu obter provisão para advogar em juízo de primeira instância. Atuou na defesa de pessoas escravizadas, procurando libertar, legalmente, o máximo de pessoas que conseguisse, utilizando alguns expedientes jurídicos que antecederam à Lei Áurea de 1888, como a Lei Feijó de 1831.

Detentor de um grande conhecimento, também atuou na área jornalística escrevendo artigos como “A questão jurídica”, publicado em 1880 no jornal *A Província de São Paulo*. Nesse artigo, Gama reflete sobre como os poderes constituintes da sociedade brasileira eram coniventes com a escravização, mesmo existindo lei e portarias que proibissem essa prática:

(...) a magistratura antiga, enfeudada aos criminosos mercadores de africanos, envolta em ignomínia, sepultou-se nas trevas do passado; a moderna, inconsciente, recua espavorida diante da lei; encara, com súplice humildade, o poder executivo; e, sem fé no direito, sem segurança na sociedade, e esquivando-se ao seu dever, declara-se impossibilitada de administrar justiça a um milhão de desgraçados. (GAMA, 2020, p. 168)

Ao notar as contradições da sociedade brasileira, indagava sobre a total falta de atitudes contrárias à escravidão e propunha pensar sobre os sentidos e projetos de libertação dos negros como observamos numa famosa resposta a um senhor que questionou por que um escravizado queria a liberdade:

– Por que me abandonas? Que é que te falta lá em casa? Dize... fala...
– Falta-lhe – interveio Luiz Gama, dando uma palmada no ombro do preto – falta-lhe o direito de ser infeliz onde, quando e como queira! (MENUCCI, 1938, , p. 146-147)

Na resposta de Gama, podemos antever que ele se preocupava não só com o presente, mas com o futuro da liberdade dos escravizados, porque projetava uma sociedade em que o sujeito negro pudesse dispor não só de sua força de trabalho, mas que fosse reconhecido como um sujeito de amplos direitos até o de ser infeliz como quisesse.

Dentre tantos outros textos escritos e outras formas de atuação, Luiz Gama foi um defensor da causa abolicionista, por isso sua imagem possui grande força atualmente na luta antirracista. Sobre isso, Brandão diz:

Luiz Gama não esconde a própria origem, mais ainda, proclama aos quatro ventos sua negritude, e os valores a ela inerentes, é bem verdade que utilizando os moldes poéticos tradicionais: a invocação da musa inspiradora, a alusão à origem musical da poesia, sua função glorificadora, o desejo de superar os poetas do passado, a referência às figuras mitológicas, Orfeu, Tritão, Cupido, e outros, ou aos poetas consagrados, Ariosto, Lamartine, Filinto Elísio, Camões, chegando a tomar deste último versos inteiros ou adaptados a seus próprios poemas (BRANDÃO, 2013, p. 1).

Gama também escreveu poesias que o auxiliavam na luta abolicionista, com um único livro, publicado em 1859, com o título de *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*. Nesse livro, ele trata do problema da escravização e silenciamento da população negra no Brasil do século XIX, utilizando, principalmente, a ironia e a sátira para tratar de tal assunto. Revela, ainda, ser leitor da lírica ocidental, estabelecendo um diálogo com essa tradição ao trazer novas configurações para personagens clássicos, mudando seu tom de pele e afirmando a existência de musas africanas. Portanto, a visão abordada sobre os negros na obra é muito diferente da que observamos em outros poetas:

A essa crítica demolidora e generalizada nem o próprio poeta escapa. Ao contrário da imagem do negro que apenas sofre, e por isso merece compaixão, representada pelos poetas brancos, vejam-se, por exemplo, os poemas sobre o escravo escritos por Castro Alves, Gonçalves Dias e outros, o poeta negro Luiz Gama reage dialeticamente ao contexto social em que está inserido, seja ambicionando os padrões valorizados, como fará Jorge de Lima em "Diabo Brasileiro", embora com maiores méritos estéticos, seja rejeitando-os pelo ridículo, como já havia feito Gregório de Matos no século XVII.[...] (BRANDÃO, 2013, p. 3)

Se pensarmos que, na mesma época em que Luiz Gama escreveu, temos em vigor na literatura brasileira o romance e poesia romântica indianista, veremos a importância de sua obra. Para se ter uma ideia, em 1857, foi lançado por José de Alencar o romance *O guarani*, obra que já dialogava com as poesias produzidas por Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães acerca da eleição do indígena como elemento formador de nossa identidade nacional. Naquele momento, os escritores brasileiros se preocupavam em construir uma identidade para a nação independente, elegendo, para isso, os portugueses e os indígenas como formadores da sociedade. Mesmo que, em 1840, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro organize um concurso sobre como deveria ser escrita a história

do Brasil e o vencedor, Carl Friedrich Phillip von Martius, tenha chamado atenção para a população negra como elemento formador de nossa sociedade, as produções literárias do período desconsideraram essa informação:

Cada uma das particularidades físicas e morais, que distinguem as diversas raças, oferece a este respeito um motor especial; e tanto maior será a sua influência para o desenvolvimento comum, quando maior for a energia, número e dignidade da sociedade de cada uma dessas raças. Disso necessariamente se segue o português, que, como descobridor, conquistador e senhor, poderosamente, influiu naquele desenvolvimento; o português, que deu as condições e garantias morais e físicas para um reino independente que o português se apresenta como mais poderoso e essencial motor. Mas também de certo seria um grande erro para todos os princípios da historiografia pragmática se se desprezassem as forças dos indígenas e dos negros importados (MARTIUS, s.d., p. 30-31).

A maioria dos textos literários da época, portanto, não retrataram a presença do negro em nossa sociedade, produzindo uma imagem idealizada e fantasiosa da identidade indígena e de um encontro cultural entre bancos e indígenas para a formação do Brasil. Como a população negra estava escravizada naquele momento, os românticos escolheram não tratar dessa identidade, uma vez que, na visão deles, seria um problema enaltecer um grupo que se encontrava sem liberdade. Diferentemente desses textos, o romance *Úrsula*, da escritora negra maranhense Maria Firmina dos Reis, e *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, de Luiz Gama, ambos publicados em 1859, traçam um contraponto a essas imagens produzidas pelo romantismo brasileiro.

Dentro do cânone da literatura brasileira, só temos a preocupação com a liberdade dos negros escravizados, junto com a luta abolicionista, na década de 1870 com a publicação do poema de Castro Alves “O navio negreiro”. Entretanto, a estratégia poética e a discussão sobre a situação dos escravizados são diferentes do que encontramos nos textos de Gama ou, mesmo, de Maria Firmina dos Reis. Castro Alves, por exemplo, serve-se em “O navio negreiro” de uma visão que sobrevoa um navio tumbeiro, preocupado não só em descrever a violência que os negros sofriam dentro das embarcações, mas também, em alguns momentos, em saber de onde são os escravizados:

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
 Onde a terra esposa a luz.
 Onde vive em campo aberto
 A tribo dos homens nus...
 São os guerreiros ousados
 Que com os tigres mosqueados
 Combatem na solidão.
 Ontem simples, fortes, bravos.
 Hoje míseros escravos,
 Sem luz, sem ar, sem razão... (ALVES, s.d, p. 66)

Já Gama, preocupado com a luta abolicionista, trata do sujeito negro como participante da vida e literatura nacional, chamando atenção para a história, a memória e as diferentes formas como são tratados na sociedade brasileira. No poema “No álbum do meu amigo J.A. da Silva Sobral”, o eu-lírico discute, de forma irônica, que não poderia escrever como os brancos porque naquela sociedade os negros são impedidos até de pensar:

Ouvindo o conselho
 Da minha razão,
 Calei o impulso
 Do meu coração.

Se o muito que sinto
 Não posso dizer,
 Do pouco que sei
 Não quero escrever.

Não quero que digam
 Que fui atrevido;
 E que na ciência
 Sou intrometido.

Desculpa, meu amigo,
 Eu nada te posso dar;
 Na terra que rege o *branco*
 Nos privam té de pensar!...

Ao peso do cativo
 Perdemos razão e tino,
 Sofrendo barbaridades,
 Em nome do Ser Divino!!

E quando lá no horizonte
 Despontar a Liberdade;
 Rompendo as férreas algemas
 E proclamando a igualdade,

Do chocho bestunto
 Cabeça farei;
 Mimosas cantigas
 Então te direi. (GAMA, 2000, p. 29-30)

No poema, ainda, vemos a discussão sobre igualdade, outro momento que também deveria ser alcançado pela população negra, uma vez que só a libertação não seria garantida de tratamento igualitário. Essa situação em que a liberdade não implica numa igualdade aponta para uma contradição que nem sempre esteve presente nos textos literários da época, mas que perpassa as discussões sociais sobre libertação no século XIX. Muniz Sodré discute como o tema da escravização foi capturado por aqueles que defendiam a independência do Brasil, negligenciando quem realmente estava escravizado:

Também no Brasil oitocentista se dizia que o país era “escravo” de Portugal e que a liberdade viria com a independência, mas essa retórica repelia a ideia de libertação dos reais escravos (SODRÉ, 2023, p. 8)

Portanto, o tema da liberdade merece uma discussão mais aprofundada que não se restrinja apenas à reflexão hegemônica sobre a libertação dos escravizados no século XIX. Nesse sentido, o projeto literário abolicionista de Castro Alves difere do de Luiz Gama.

No momento, interessa-nos perceber como Gama articulou história e memória da população negra projetando uma reflexão sobre liberdade e igualdade dos escravizados. Assim, os poemas do escritor são responsáveis por alterações relevantes na maneira como estudamos a sociedade escravista e a literatura brasileira no século XIX.

Literatura, sujeito negro e luta

Mesmo com apenas um livro lançado, Luiz Gama conseguiu discutir vários aspectos da sociedade brasileira, satirizando e criticando costumes que, desde seu tempo até os dias atuais, se mostram como temáticas inalteráveis, como, por exemplo, a hierarquização social e racial.

Como viveu como escravizado e depois como homem livre, obteve um conhecimento amplo da sua época. Realizava, em seus poemas, uma comparação entre cada ambiente, ao criticar, principalmente, os hábitos e valores dos brancos e dava voz, sempre que podia, aos seus iguais, os sujeitos negros. É interessante mencionar que Gama buscou também refletir sobre elementos das culturas africanas, em diálogo ou em

contrapartida com a cultura branca. Como exemplo, temos os seguintes versos encontrados no poema “Lá vai verso”:

Ó Musa da Guiné, cor de azeviche,
 Estátua de granito denegrado,
 Ante quem o Leão se põe rendido,
 Despido do furor de atroz braveza;
 Emprста-me o cabaço d'urucungo,
 Ensina-me a brandir tua marimba,
 Inspira-me a ciência da candimba,
 Às vias me conduz d'alta grandeza

Quero a glória abater de antigos vates,
 Do tempo dos heróis armipotentes;
 Os Homeros, Camões — aurifulgentes
 Decantando os Barões da minha Pátria!
 Quero gravar em lúcidas colunas
 Obscuro poder da parvoíce,
 E a fama levar da vil sandice
 As longínquas regiões da velha Bácia! (GAMA, 2000, p. 10 – 11).

No começo do poema, podemos observar as referências aos épicos gregos com uma saudação à Musa que inspira os poetas, agora com a vertente africana elencada como “Ó Musa da Guiné”. É interessante essa referência não só por apresentar uma nação africana, mas principalmente pelo acréscimo que os versos propõem em relação à tradição literária: é preciso olhar também para as musas africanas. Assim, não existem apenas as europeias que ajudam os poetas; há também as africanas que inspiram os escritores a falar de um espaço e valores diferentes dos que nos legou a tradição clássica. O poema revela que nossa tradição literária não é universal, mas, antes de tudo, branca, nos fazendo pensar na branquitude tal como Cida Bento nos fala:

Descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas. Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas (BENTO, 2022, p. 15).

Para Cida Bento, a branquitude é um conjunto de privilégios construídos historicamente para a população branca. Dentro da tradição literária, a branquitude se expressa na representação da cultura e sociedade branca e europeia como se fosse universal. O poema “Lá vai verso”, com sua simples interferência na tradição, promove a discussão sobre a universalidade das construções literárias. Além disso, ao dar corpo a uma outra musa com “cor de azeviche”, cria uma referência literária à beleza negra. Nunca é demais lembrar que o imaginário das musas clássicas enaltece o corpo branco, e

esse tipo de associação é extremamente prejudicial ao povo negro, porque constrói historicamente apenas uma referência de beleza.

Ainda na primeira estrofe, vemos um pedido para que a musa empreste um meio de defesa maquiado como dança, a capoeira, em “Empresta-me o cabaço d'urucungo”. O “cabaço d'urucungo” é um dos nomes dados ao berimbau, instrumento utilizado para a musicalidade da capoeira. Assim, a musa negra vai emprestar musicalidade sonora africana para o poema, uma vez que a musicalidade da tradição é branca. Então é preciso mostrar que também há outras musicalidades das quais a poesia pode usufruir. A capoeira, sendo música e defesa ao mesmo tempo, mostra que a poesia não é só fruição, mas um instrumento de afirmação num campo de luta. O poema descortina o espaço da poesia como sendo um lugar de luta entre imaginários, algo que a tradição branca faz questão de esconder. Assim, Gama dialoga com a tradição clássica para chamar atenção para a cultura negra. As formas clássicas da musa grega são deixadas de lado para a afirmação de uma versão africana. Esse é um dos pontos mais observáveis em sua poesia: o confronto de elementos brancos com os que fazem referência à cultura dos negros. Nesse sentido, também é relevante os elementos linguísticos acionados na poesia (“cabaço d'urucungo”, “marimba”, “candimba”), porque, se estão desvalorizados na vida social e na escrita literária, o poema faz questão de mostrar o potencial deles.

Na segunda estrofe, os versos pedem à musa instrumentos de musicalidade/defesa para “abater a glória de antigos vates”. Aqui há uma referência a Homero e Camões, poetas épicos exemplares da tradição literária ocidental, responsáveis, respectivamente, pela escrita da *Ilíada* e *Odisséia* e de *Os Lusíadas*. É preciso um outro canto para confrontá-los e, nesse sentido, não só a musicalidade é diferente, mas também a própria natureza da lírica, porque o poema opta pelo tom satírico (“Quero gravar em lúcidas colunas/Obscuro poder da parvoíce,/E a fama levar da vil sandice”). Os versos de Gama enfrentarão a poesia épica com uma composição que, dentro da tradição, tem menos valor: a sátira. Dessa forma, a poesia vai recolhendo “ruínas”, os elementos descartados dentro de uma tradição literária, para compor um registro paralelo e, igualmente, com valor.

Em “Lá vai verso”, o diálogo com as epopeias se estende, de forma satírica, às partes constituintes do épico, como é o caso da exaltação das musas. Outro momento em que notamos essa retomada da estrutura das epopeias é quando o poema explica quem seus versos cantarão:

Com sabença profusa irei cantando
Altos feitos da gente *luminosa*,
Que a trapaça movendo portentosa

À mente assombra, e pasma à natureza!
 Espertos eleitores de *encomenda*,
 Deputados, Ministros, Senadores,
 Galfarros [,] Diplomatas – chuchadores,
 De quem reza a cartilha de esperteza.

Caducas Tartarugas – desfrutáveis,
 Valharrões tabaquentes – sem juízo,
 Irrisórias- fidalgas – *de improviso*,
 Finórios traficantes – *patriotas*;
 Espertos maganões, *de mão ligeira*,
 Emproados juízes de *trapaça*,
 E outros que de honrados têm *fumaça*,
 Mas que são refinados agiotas.

A poesia aqui revela, em tom satírico, a matéria de que versará: os altos feitos da “gente luminosa”. As ações elencadas no poema estão relacionadas à esperteza, mentira, trapaça e roubo. Nesse sentido, o poema de Luiz Gama serve como contrapondo crítico aos relatos clássicos que enaltecem nobres, reis, aristocratas, responsáveis por mover a história, como encontramos, por exemplo, em *Os Lusíadas*, nas figuras de “As armas e os Barões assinalados” e dos Reis “que foram dilatando o Império” portugueses:

As armas e os barões assinalados,
 Que da ocidental praia Lusitana,
 Por mares nunca de antes navegados,
 Passaram ainda além da Taprobana,
 Em perigos e guerras esforçados,
 Mais do que prometia a força humana,
 E entre gente remota edificaram
 Novo Reino, que tanto sublimaram

E também as memórias gloriosas
 Daqueles Reis que foram dilatando
 A Fé [e] o Império, e as terras viciosas
 De África e de Ásia andaram devastando,
 E aqueles que por obras valerosas
 Se vão da lei da Morte libertando:
 Cantando espalharei por toda parte,
 Se a tanto me ajudar o engenho e arte. (CAMÕES, 2003, p. 9)

Do ponto de vista da sátira de Gama, o grupo que ocupa o poder na monarquia brasileira (“Deputados, Ministros, Senadores”) não passa de aproveitadores. Dessa forma, a reflexão sobre o presente se estende à configuração do passado, promovendo uma visão crítica em relação às histórias que nos foram legadas a partir dos textos literários clássicos.

Se, em “Lá vai verso”, o poeta promove uma discussão crítica sobre a tradição clássica e branca e cobra espaço para a existência de elementos das culturas africanas, em “Sortimentos de gorra” aproveita do mesmo tom para criticar seus iguais que valorizam a cultura do colonizador:

Se os nobres desta terra, empanturrados,
 Em Guiné têm parentes enterrados;
 E, cedendo à prosápia, ou duros vícios,
 Esquecendo os negrinhos seus patrícios;
 Se mulatos de cor esbranquiçada,
 Já se julgam de origem refinada,
 E curvos à mania que domina,
 Desprezam a vovó que é preta-mina: –
 Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
 Pois tudo no Brasil é raridade! (GAMA, 2000, p.17)

Nesses versos, o poema mostra sua crítica às práticas de alguns que se esquecessem dos “parentes enterrados em Guiné” ou reproduzem a “prosápia, ou duros vícios”, numa tentativa de imitar os hábitos e falares dos brancos. Numa sociedade brasileira, herdeira da colonização e vivendo a escravização, quanto mais branco o indivíduo for, mais capital social e econômico alcança. Por isso retratar a realidade de uma sociedade miscigenada em que o sujeito branco tem vantagens é confrontar essa violência. Pensar a miscigenação como resolução dos conflitos raciais no Brasil desconsidera a violência com que a branquitude se estabelece em nossa vida social, por isso o poema afirma que os “mulatos de cor esbranquiçada” acreditam que têm “origem refinada”. Quanto mais próximo à branquitude, seja com a reprodução da tradição lírica clássica, seja com a dicção da metrópole e com a própria cor da pele, mais vantagens o indivíduo tem numa sociedade herdeira da colonização e com a escravização em pleno andamento. Entretanto, o sujeito negro, dentro de uma realidade racializada, nunca ocupará o mesmo lugar que o branco. Fanon nos explica a situação em que o sujeito negro está na sociedade colonizada:

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição dentro da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. (FANON, 2008, p. 34)

Em outra estrofe, a poesia chama atenção para a maneira bem peculiar de o Brasil conceber “progresso”:

Se temos Deputados, Senadores,
 Bons Ministros, e outros chuchadores [,]
 Que se aferram às tetas da Nação
 Com mais sanha que o Tigre, ou que o Leão;
 Se já temos calçados – *mac-lama*,
 Novidade que esfalfa a voz da Fama,
 Blasonando as gazetas – que há progresso,
 Quando tudo caminha p’ro regresso:
 Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
 Pois que tudo no Brasil é chuchadeira! (GAMA, 2000, p.19).

Nessa estrofe, o poema mostra a indignação com a política nacional que se mostrava como algo muito deturpado, com ideologias discriminatórias e uma vontade atemporal de transformar o público no privado. O “progresso”, desse ponto de vista, é concebido como uma via apenas para alguns grupos e não para todos. Os mais beneficiados nessa lógica são os que reproduzem uma maneira colonial de explorar a terra e o povo, ou seja, os que defendem uma maneira “branca” e colonial de progresso. Por isso, o poema concebe o “progresso” como “regresso”.

Lançado em 1859, os poemas de Gama estão inseridos na discussão sobre o antiescravidão no Brasil. Na próxima estrofe, vemos versos que tratam abertamente sobre a liberdade:

Se ardente campeão da liberdade,
Apregoa dos povos a igualdade,
Libelos escrevendo formidáveis,
com frases da peçonha impenetráveis;
Já o Céu perscrutando alta eminência,
Ao som d’argem se curva, qual vilão,
O nome vende, a glória, a posição:
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança! (GAMA, 2000, p. 22)

Nos versos acima, o tema da liberdade e igualdade são acionados pelos sábios do Brasil mais para se obter respaldo social do que propor uma prática efetiva de libertação, como vemos nas passagens “*Libelos* escrevendo formidáveis” e “O nome vende, a glória e a posição”. Portanto, o poema critica quem não está comprometido com uma ampla reflexão sobre liberdade e igualdade. Os versos de Gama se configuram numa importante prática do que seria efetivamente essa liberdade acrescida da “igualdade entre os povos”.

Ao enaltecer as culturas africanas e denunciar que, mesmo independente, o Brasil ainda era colonial, os poemas de Gama são de suma importância para quem vê a literatura como um meio para também construir a abolição e pensar a nação. Dessa forma, nos apresenta um retrato sobre o Brasil que outros poetas da mesma época não nos legaram. Luiz Gama foi capaz de refletir de um lugar social em que compartilhou a violência, mas também a resistência da população negra no século XIX no Brasil. Segundo Ribeiro, esse lugar específico pode ser concebido como um lugar de fala:

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados (RIBEIRO, 2017, p.48).

Quando escreveu os seus versos, Gama não tinha o conhecimento da terminologia “lugar de fala”, mas já utilizava sua voz e sua vivência para denunciar a sociedade brasileira de sua época, da qual também foi vítima. Luiz Gama lutou contra a escravização como jornalista criticando, com seus textos, a comunidade política da época; como advogado, conseguiu libertar vários escravizados e, como poeta, denunciou que a literatura e sociedade valorizavam o mundo branco.

Considerações finais

A luta pela libertação da população escravizada fez de Luiz Gama uma figura imprescindível para quem quer entender o Brasil do século XIX e o atual. O escritor proporcionou não só a liberdade física mas também chamava atenção para a liberdade da consciência da população negra. A partir dos poemas “Lá vai verso” e “Sortimentos de gorra”, de *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, vemos o escritor denunciar uma sociedade e literatura que valorizam o mundo branco. No primeiro poema, há a discussão sobre como a tradição literária ocidental focaliza apenas a beleza e valores brancos. No segundo poema, observamos uma sociedade em que, quanto mais branco o indivíduo for, mais capital simbólico e econômico ele tem.

Esses poemas serviram de base para mostrar a preocupação de Gama concomitante com a libertação da população negra e com a sua valorização. Dessa forma, o escritor nos ajuda entender o racismo da sociedade brasileira atual, bem como maneiras de enfrentá-lo.

Referências bibliográficas

ALVES, Castro. O navio negreiro. In:_____. *Os Escravos*. s.d. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000009.pdf> Acesso em 17/12/2023.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. "A poesia satírica de Luiz Gama". In: *Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. V. 49, n. 1/4, jan./dez, 2013.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CAMÕES. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008,

FERREIRA, L. F. Luiz Gama autor, leitor, editor: revisitando as Primeiras Trovas Burlescas de 1859 e 1861. *Estudos Avançados* 33 (96), 2019.

GAMA, Luiz. *Primeiras Trovas Burlescas & outros poemas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Lições de resistência: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

MARTIUS, Karl. *Como se deve escrever a história do Brasil*. Rio de Janeiro: IHGB, s.d.

MENUCCI, Sud. *O Precursor do Abolicionismo no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1938.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017

SANTOS, Luiz Carlos. *Luíz Gama*. São Paulo: Selo Negro/Summus, 2010.

SODRÊ, Muniz. *O fascismo da cor; uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis: Vozes, 2023.